

12/11/75
A4R 00091

Eram um milhão de índios: eis o que restou

Elas eram mais de um milhão quando o primeiro colonizador pôs seus pés em terras amazônicas. Hoje podem ser até 60 ou 70 mil, não mais o que isso. Embora tenham dado uma contribuição decisiva para a ocupação da Amazônia, guardada para sempre na sua participação étnica no tipo racial dominante na região (o "caboclo"), o índio parece definitivamente condenado ao desaparecimento. É certo que ainda são descobertas novas tribos, mesmo em locais de intensa ocupação (desmentindo assim declarações em contrário do ministro do Interior, Rangel Reis), mas tanto nas terras teoricamente impenetráveis que o governo federal, formalmente seu tutor, reserva, como — e sobretudo — nas áreas pioneiras o índio está seriamente ameaçado. O colonizador "branco" rejeita sua participação nos novos projetos de desenvolvimento. Para certas tribos, como a dos Waimiri-Atroari, não resta outra alternativa senão fugir a esse contato, ou reagir às aproximações: é o triste fim reservado para os primeiros habitantes deste país.

Os remanescentes das cinco tribos indígenas ainda existentes ao longo do rio Tocantins estão condenados a desaparecer em pouco tempo, com o crescimento das frentes de expansão da economia nacional. Desde o período colonial esses índios já eram perseguidos pelos homens brancos que começaram a chegar às suas terras em busca da madeira, cacau, goma elástica e castanha-do-pará. A história do extrativismo vegetal no Tocantins é extensa e se desenvolveu através de ciclos descontinuos, sempre atingindo os primeiros habitantes da área. Mas todas as tentativas feitas para utilização da mão-de-obra indígena fracassaram.

Em estudo encomendado pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia, para o Plano de Desenvolvimento Integrado da Área da Bacia do rio Tocantins, os técnicos chegaram à conclusão de que "os confrontos estabelecidos pela sociedade nacional com as tribos indígenas do Tocantins sempre se ligaram às ações de apropriação e de exploração das áreas recobertas por frentes habitadas por grupo tribais. As tentativas de atrair os índios para a convivência pacífica nos empreendimentos econômicos, ou os atos agressivos contra os mesmos, objetivando afastá-los dos territórios a serem explorados, foram práticas que repercutiram negativamente nas sociedades indígenas, levando-as à desorganização e à descaracterização cultural".

Segundo o estudo da Sudam, compulsões diversas, migrações forçadas, conflitos intertribais, crises internas, expedições punitivas de neobrasileiros e contaminação por diferentes moléstias foram fatores que contribuíram para a maioria dos grupos tribais do Tocantins ao longo do rio Tocantins, a marginalidade e a ambivalência alienante em que se encontram os sobreviventes".

As tribos indígenas ainda existentes no Tocantins são distribuídas pelos municípios de Tucuruí (Akuwa-Assurini), Gaviões do Oeste e Parakanã, Marabá (Djôre-Xikrin e Surui-Mudajê) e São João do Araguaia (Gaviões do Oeste).

Os Gaviões do Oeste estão constituídos em três grupos indígenas classificados como Timbiras, de fala Jê, que habitam hoje a região de florestas tropicais do Tocantins. São práticos de rio, que por aí passaram e essa mudança, agravada pelos contatos com a sociedade nacional, provocaram profundas alterações na organização social e na estrutura da cultura dos Gaviões.

Considerados atualmente como pacíficos, após lutas com os castanheiros do Tocantins, os Gaviões estão em contato permanente com os brancos. Um dos três grupos ainda habita o Posto Ambaú, quase em frente à cidade de Tucuruí, onde vai ser construída a hidrelétrica que vai produzir 8 milhões de Kw. Outro grupo está localizado num castanhal, em área cortada pela rodovia PA-70, no município de São João do Araguaia. Esses dois grupos falam corretamente o português, produzem couros, peles e castanha-do-pará. Reduzidos a 35 índios, estão ameaçados pela construção da hidrelétrica, que deverá inundar o posto de Tucuruí, e pelos castanheiros, que estão tentando forçá-los a abandonar o posto de São João do Araguaia.

litivos com a sociedade nacional, em sua história recente. Os atritos armados provocaram mortes de castanheiros, extratores de caucho, garimpeiros. Os Gaviões, porém, aproximaram-se de sua extinção, vítimas de expedições punitivas organizadas por integrantes da sociedade nacional. O processo de seu desaparecimento biológico e como grupo tribal é assinalado pela desorganização da estrutura social do grupo e pela perda de suas marcas culturais mais significativas. Crises internas levaram à fragmentação do grupo, o que denuncia, talvez, a ausência de mecanismos sociais asseguradores da solidariedade intragrupal. Quando procuraram o contato direto e permanente com a sociedade nacional, em Itupiranga, foram dizimados por doenças e mortes, restando como saldo um período em que perambularam pelas ruas de Itupiranga e de Marabá, como mendigos. Em 1964 sabia-se que duas mulheres haviam deixado o Posto Ambaú e viviam em Itupiranga, onde uma havia casado e a outra era prostituta.

Os Assurini, de fala Tupi, habitam atualmente um Posto da Funai, no município de Tucuruí, a margem esquerda do Tocantins. A sua pacificação foi iniciada em 1953. Os índios atraídos e pacificados atingiam 190, reduzidos logo a 140, devido a mortes provocadas por gripe e disenteria. Em 1955, já eram apenas 66 índios ao se defrontarem com duas frentes: os castanheiros e os Parakanã.

"Os sobreviventes dos surtos epidêmicos retornaram às frentes, numa tentativa de auto-preservação biológica. Enfrentando dificuldades para obter alimentos, em uma área de mata amplamente explorada por caçadores profissionais, os índios visitaram algumas vezes o Posto Trocará, onde também não eram assistidos ao nível de suas necessidades alimentares. Após perambularem em bando de pedintes e de saqueadores de roçados, retornaram ao Posto em um pequeno bando. Em 1961, o grupo se constituía de 25 pessoas. Em 1966 eles cresceram para 53. Mas em 1970 estavam reduzidos a 35". Calcula-se que hoje existam apenas 15 Assurini, que constantemente estão indo à cidade de Tucuruí para mendigar.

Como um dos grupos tribais menos conhecidos do Brasil, os Parakanã são uma tribo isolada, contatada recentemente pela Funai. Suas terras inicialmente foram cortadas pela Estrada de Ferro do Tocantins. A tribo tem uma população estimada em 250 índios. Ainda não conseguiram uma aproximação efetiva por parte da Funai, mas têm sido constantes os conflitos com caçadores. A rodovia Transamazônica é o limite sul de sua reserva, "fato esse pouco tranquilizador, tendo em vista as francas possibilidades de fricções interétnicas virem a avulvar-se na área de influência da estrada".

Os Surui habitam a região do rio Itacuanã. São pacificados e em contato permanente com os brancos. Sua pacificação começou em 1952. Um surto de gripe matou diversos índios, inclusive o chefe da tribo. "Na situação de desorganização em que foram surpreendidos, surgiu um líder regional que conquistou a confiança da tribo, passando a liderá-la, em 1960. O novo líder tentou tornar os índios caçadores, com fins comerciais, através da extração de peles de animais silvestres. Explicando o objetivo "civilizado" de sua liderança, introduziu uma série de mudanças nos costumes tribais e criou nos índios novas necessidades alimentares (arroz, café, sal e açúcar). Impediu os índios de serem agricultores — de culturas já ociosas em suas necessidades. Levou a tribo mais de duas décadas de caçadores profissionais regionais, que destruíram as roças indígenas, contaminando os índios mortalmente com gripes e prostituíram suas mulheres".

Também habitantes do rio Itacuanã, os Xikrin se constituem em grupos tribais Kayapó. O contato com os civis alterou completamente sua cultura. Hoje eles usam tesouras, espelhos, facas, enxadas, rifles, lanternas, maletas, roupas e mosquiteiros. A tribo está dividida em dois grupos, um no Vale do Xingu e outro no rio Caeté, afluente do Itacuanã. Sua pacificação ocorreu em 1954. Pouco depois, em contato com brancos, transformaram-se em grandes comerciantes de castanha.

"Praticando a coleta de castanha, tentaram penetrar de forma mais efetiva na economia de mercado, através da venda do produto de seu trabalho aos viajantes-comerciantes de rio, que por aí passavam, e que eram recebidos pacificamente pelos índios. Os preços pagos pela castanha ou através de trocas por utensílios foram inferiores aos correntes nas transações com os regionais. Logo o aldeamento indígena se tornou ponto de pouso para peiorite e as índias foram prostituídas pelos negociantes, que a elas transmitiram doenças venéreas, gripe, dermatose, além de outras enfermidades".

Em 1970, os Xikrin estavam reduzidos a apenas 110 índios. Mas nos últimos anos, ficaram mais reduzidos ainda. Seu território continua desprotegido pela Funai, apesar de se encontrar em região sob influência da Transamazônica, e da nova frente mineradora, na Serra dos Carajás.



Os sobreviventes e os brancos

Formando na opinião de antropólogos e sertanistas da Funai a maior concentração indígena do País, os índios do alto rio Negro — Makus e Tukanos principalmente — apresentam um elevado índice de aculturação e de integração intertribal, dando-lhes condições até de exercer funções normalmente absorvidas pelo branco.

Se o trabalho das missões religiosas no alto rio Negro conseguiu acelerar a aculturação dos índios, integrando-os produtivamente à sociedade local, esse trabalho não foi tão benéfico no sentido de preservar os costumes e tradições indígenas, criando uma barreira separatista entre o índio, sua cultura e sua religião.

Em São Gabriel da Cachoeira, onde existe a maior concentração indígena da Amazônia e está a sede da missão salesiana na região, os índios — além de receberem "educação escolar" e de "formação de caráter" — participam de um lento processo de iniciação profissional. Trabalham no campo, nas fazendas, nas granjas e nas estradas que estão sendo construídas. Nos restaurantes, os poucos que existem na cidade, são considerados bons garçons. "Os índios aqui têm maior oportunidade de trabalhar como motoristas, carpinteiros, mateiros e garçons do que os brancos, porque se aplicam mais, se dedicam ao trabalho com o mesmo espírito de integração tribal", explica o antropólogo Mário Giuseppe, que há oito anos atua na região, antes como missionário e hoje como sertanista da Funai.

São Gabriel da Cachoeira possui 17.367 habitantes, dos quais 13.959 são índios aculturados ou em fase de aculturação distribuídos pelas tribos Maku, Arapaças, Maracanas, Kapu, Desanas, Mirilitapuas, Tarianas, Tukanos, Taiunas e Wanano. O maior contingente indígena pertence aos Tukanos, que são 4.300 índios, habitando o rio Papuri, em contato e sendo aculturados pela missão salesiana do lauretê.

Os índios chegam mesmo a disputar nas cidades do alto rio Negro os melhores empregos. Segundo Mário Giuseppe, "eles são docéis, aceitam ser dirigidos e têm melhores conhecimentos das obrigações que lhes são impostas, superando os brancos residentes nos centros urbanos".

Os Tukanos e Makus já começam a se interessar pela formação de cooperativas para a exploração racional do solo — um resultado que Funai e missões religiosas atribuem ao seu trabalho conjunto de esclarecimento. O Projeto Maku, que abrange todas as 11 tribos espalhadas pelo alto rio Negro, no Estado do Amazonas, prevê a criação de 16 cooperativas agrícolas, a serem dirigidas inicialmente por brancos ligados às missões e à Funai, mas futuramente pelos próprios índios.

Segundo ele, "os índios sofrem hoje a exploração do branco, não só nas suas terras, nos próprios locais de produção, mas também na cidade. Nem sempre o índio ganha aquilo que ele efetivamente merece". De acordo ainda com o antropólogo, o grande problema dos índios do alto rio Negro é a forma de comercialização existente entre eles e os comerciantes da área:

— O índio não tem noção de dinheiro, do valor do que produz. Quando um panetiro de farinha custa na cidade 60 ou 80 cruzeiros, ele o entrega ao comerciante a 10 ou 20 cruzeiros. Mas não recebe isso em dinheiro. O comerciante prefere o processo de permuta. Com um panetiro de farinha, o índio recebe um saco de sal, um quilo de açúcar, café e um retalho de fazenda.

Além de orientar o índio a produzir melhor e mais racionalmente, o Projeto Maku prevê ainda a assistência médica preventiva. Talvez porque o fluxo de imigrantes dos centros mais adiantados da região amazônica é ainda inexpressivo — as estradas São Gabriel-Bucuí e a Perimetral Norte estão apenas projetadas — os indígenas do rio Negro não têm enfrentado grandes problemas de epidemias. Poucos foram os casos de oncocerose (doença transmitida por um mosquito, o "pium", que nos casos mais graves provoca coqueluz registradas no ano passado) e este ano, segundo dados da missão salesiana. Hoje apenas duas ocorrências entre os índios Maku, alto rio Caubary, que serão atingidos brevemente pela Perimetral Norte.

Índios habituados ao contato com o branco, os Maku e Alaku — que terão suas terras cortadas pela Perimetral — estão recebendo um intenso trabalho de doutrinação feito pelas Funai. O órgão que faz o contato a inevitabilidade da estrada corta suas terras. As missões salesianas também iniciaram uma catequese dos índios com o mesmo objetivo: receber os contingentes das empreiteiras que constroem um trecho da Perimetral.

Os resultados desse recente trabalho ainda são incertos porque além dos conflitos intertribais existentes entre os Tukanos e os Makus, há também as divergências entre os missionários e os antropólogos. Os primeiros defendem o princípio de que manter os índios na floresta, longe das frentes de penetração, pode torná-los arcaicos e descrentes da civilização. Por isso, procuram trazer os índios de suas malocas no meio da mata para as margens dos rios, onde possam ser "melhor catequisados" e comercializar seus produtos com os "regatões" (comerciantes ambulantes que sempre burlam o produtor nas suas trocas).

Contudo, esse sistema é condenado pelo antropólogo Mário Giuseppe. Para ele, manter o índio afastado dos rios, da exploração dos "regatões" e dos "comerciantes inescrupulosos" será melhor para o destino das tribos. "Não podemos correr o risco de vermos dizimada uma tribo e toda uma cultura indígena apenas como protesto para catequisar o índio dentro dos princípios religiosos. Isso tudo fere os princípios da antropologia. Ela não se mistura e nem mesmo se identifica com a catequese", diz Giuseppe.

A firme decisão da Funai em apressar a "pacificação", contrariando a recomendação de alguns de seus próprios antropólogos e sertanistas, e a resistência que os índios têm demonstrado a qualquer contato amistoso com os brancos, poderá dar aos Waimiri-Atroari o mesmo destino dado aos Kreenakares: depois de contactados, tornam-se seres inúteis, afastados de seus costumes e tradições porque o contato com a civilização é fatal para os princípios tribais.

O oportuno afastamento do sertanista Apoena Meirelles da frente de atração aos índios permitirá à Funai executar, a seu modo, a velha técnica de aproximação, utilizada indistintamente para qualquer grupo tribal. Para o sertanista, "o melhor é mantermos os índios nas suas malocas, não indo ao seu encontro porque eles podem aceitar isso como uma afronta. Foi isso o que aconteceu com as duas expedições que trucidaram — a do padre Calleri e a do Gilberto Pinto. Pelas histórias dos massacres sabemos que os índios não aceitam a passagem da estrada, não querem contato com os brancos".

Apoena sentiu isso nos dois últimos aparecimentos dos índios na estrada e no seu acampamento no rio Abonari. Nas duas ocasiões os índios mostraram-se amistosos, porém desconfiados com tudo o que viam. Antes eles não viam tanta gente na estrada, gente diferente, armada (os soldados do 1.º Batalhão de Infantaria da Selva). No posto de atração, onde mataram Gilberto Pinto, eles puderam ver o quanto o homem branco se preparou depois do massacre para recebê-los. O que estariam eles pensando agora do branco? Como guerreiros que são, não teriam tomado isso como uma represália aos massacres que praticaram? Apoena pergunta, não tem ainda resposta segura.

Nos dois últimos encontros dos índios com os trabalhado-

res da estrada e sertanistas da FUNAI, eles surgiram armados de arco e flecha. No último aparecimento vieram com quatro crianças, que também estavam armadas. Apenas Meirelles não acha, contudo, que os índios tenham vindo em missão de paz". Vieram mais uma vez para serem certos, para observarem o potencial humano do branco desconhecido que passou a habitar as suas terras. Dos atuais mateiros e sertanistas da Funai atuando na área dos rios Abonari e Alaku, apenas Francisco Amançó é conhecido dos Waimiri-Atroari, tendo trabalhado com Gilberto Pinto, só não morreu porque um dia antes do massacre de dezembro do ano passado viajou para Manaus.

Índios acostumados às guerras e contatos sempre prejudiciais aos seus interesses, os Waimiri-Atroari não terão condições de sobreviver aos malefícios da atração apressada que a Funai pretende lhes impor. Com Apoena à frente desse trabalho, a atração tem sido lenta, de paciência, na espera do índio tomar a iniciativa dos contatos. Saindo Apoena, os métodos de atração mudaram: concluída a estrada, os índios passaram a visitá-la com frequência. A partir daí, sofreram as duras consequências da convivência diária com os brancos: as doenças, a penetração em suas áreas, a desagregação tribal, exploração comercial, a perda da identidade étnica.

O seu destino poderá ser igual ou pior do que o dos Kreenakares, que pelo menos tiveram condições de salvar parte da tribo indo (ou sendo levados) para o Parque Nacional do Xingu. Com os Waimiri-Atroari não haverá solução, nem mesmo quando a Funai decidir criar o Parque Nacional que os protegeria, numa área superior à do Estado de São Paulo, mas onde já existem madeiras e minerais. Era serraria, a Serragem, instalou-se a apenas sete quilômetros do rio Abonari, na margem da BR-174, portanto no interior da área reservada aos índios. E a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) consultou Apoena Meirelles sobre a possibilidade de pesquisar minério na terra dos Waimiri-Atroari. Não se sabe o que ele respondeu, mas muitos garantem que aquelas terras há muito minério.

Na prostituição, um drama social

É comum na Amazônia a população feminina ser superior à população masculina, o que, como em toda a cidade do interior, confere às mulheres maior iniciativa e agressividade na esfera sexual. A chegada de forasteiros de nível cultural e econômico superior criou em torno deles uma área de atrações como "paternaire" sexual. Por sua vez, aos olhos da população recém-chegada, a população feminina aparece como gozando de ampla liberdade sexual e dotada de costumes levianos. Trata-se de um preconceito extremamente corrente em todo contato de populações com hábitos culturais diferentes, mas no caso esse preconceito agrava ainda mais os preconceitos já existentes contra o homem amazônico". De um relatório atribuído ao Serfhu sobre núcleos urbanos da Transamazônica, divulgado em 1970.

O garçom atravessa o salão escuro da boate com passos largos, como se fosse apenas um dos frequentadores. Por experiência, ele já sabe que poucos dos ocupantes das mesas farão pedidos e quando o fizerem estarão mais interessados numa Fanta Uva do que numa dose de uísque ou mesmo de rum. A maioria dos frequentadores da boate do Fenix Palace Hotel, em Guajará-Mirim, Território de Rondonia, têm 16 ou 18 anos de idade, começam a chegar às 8 da noite e, antes da meia-noite quase todos já foram para as suas casas.

Ninguém em Guajará-Mirim, na fronteira do Brasil com a Bolívia, acha estranho que um estudante saia da escola e, mesmo sem trocar o uniforme, vá direto para a boate. Ou que menores a frequentem sem qualquer impedimento.

— As meninas depois que atingem 30 quilos já podem ser prostituídas, comenta com certo cinismo o funcionário de uma companhia de ônibus que faz a ligação entre Porto-Velho e Guajará-Mirim.

Os frequentadores das dezenas de boates como a do Hotel Palace, que existem em toda a Amazônia, deixaram de considerar a idade, como um critério de seleção das meninas ainda em puberdade que, por insondáveis critérios morais, não devem ser prostituídas. Em quase todas essas boates há menores de 13 anos. E mesmo que algumas não façam "ponto" em boates, são vistas circulando pelas proximidades dos hotéis de maior rotatividade (onde se hospedam muitos passageiros em trânsito), em sumarríssimos trajetos.

Uma proporção maior de mulheres sobre homens em cada uma das principais cidades amazônicas (10 para um em Macapá, sete para um em Manaus ou a exagerada relação de 14 para um em Rio Branco) é atribuída como a causa principal do elevado índice de prostituição, embora os censos da Fundação IBGE não forneçam estatísticas que comprovem essa "tese". Sem garantias seguras de que encontrarão um privilegiado homem para marido, as mulheres entregam-se com maior facilidade aos que as abordam, nem sempre para obter dinheiro, teoriza José Portela Richards, 36 anos, comerciante com larga experiência na boemia do eixo Rio Branco-Porto Velho".

Mas outros fatores podem ser considerados como mais importantes, ainda que observações diretas e não estatísticas sejam a única forma de comprovação: a falta de emprego, a desorganização da estrutura familiar e do modo de vida local, o subido ingresso de louros, encantadores ou argutos burocratas, empresários ou aventureiros de outras regiões, racialmente distintos, quase estrangeiros, com fascínio inevitável. Eles encontram uma sociedade organizada num sistema pré-capitalista, onde o crime não encontra barreiras culturais, abundante mas sem malícia. As lavadeiras das margens do rio Branco, na periferia da capital acreana, não

procuram esconder nenhuma parte do corpo quando as lanchas passam perto delas. Vestir trajes sumários e colantes, para quem traz a marca da cultura indígena e vive nas margens dos rios, é natural. Mas para quem chega das grandes cidades, não.

Certamente esses não são os fatores determinantes da alta prostituição, mas ajudam a entender por que muitas jovens assumem a postura de marginalizadas sem a intenção de fazerem da conduta uma atividade monetária. Viajantes que andam sempre por toda a Amazônia relatam a dificuldade inicial que enfrentavam quando começaram a frequentar a vida noturna das cidades. "Não sabíamos quem era prostituta e quem era menina de família porque era impossível distinguí-las pela aparência. E também elas estavam juntas num mesmo ambiente".

A elevação dos casos e essa indiscriminação preocupam algumas autoridades como o bispo do Acre, Dom Moacyr Grechi. "Você reparou como há muitas meninas na prostituição? É assim visível mesmo? Pois eu pensei que fosse apenas impressão minha". Com a surpresa que renova sempre após conversas com pessoas estranhas, o bispo não sabe o que fazer ou a que futuro a atual situação conduzirá. É provável que essa não seja uma angústia exclusiva do bispo.

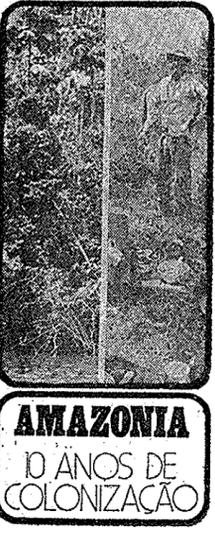
Pedra Branca só ganha vida nos fins de semana. Há movimento nas ruas abertas há 10 anos pelos colonos nordestinos que se instalaram no povoado, a poucos quilômetros de distância de Macapá, capital do Território do Amapá. Mas as grandes transformações só ocorreram quando a construtora Mendes Junior, uma das responsáveis pela Perimetral Norte, instalou um acampamento de apoio às obras. Vieram muitos trabalhadores, principalmente do Pará, Maranhão e Piauí, a maioria sem nenhum plano de vida, sem família e trabalhando hoje pela diversão de amanhã.

Quando eles começaram a se instalar, o povoado foi dividido ao meio. De um lado, antigos moradores com suas roças e suas famílias constituídas e fonte de condutas moralizadas. De outro lado, com crescimento bem maior, os comerciantes, biscaiteiros e prostitutas que esperam os operários da Mendes Junior para os fins de semana, quando corre algum dinheiro.

Os preços cobrados em muitas boates levaram os operários a fazer um acordo mais "econômico" com as mulheres: acortam um "preço de amigação" por determinados dias, conforme o desejado e o dinheiro disponível. Essa é uma alternativa "mais em conta" porque durante esse tempo a mulher vai viver com o operário num barraco que ele controla às proximidades do acampamento da construtora. Algumas delas não retornam mais a boate.

Também as prostitutas que se "amigam" sofrem uma concorrência que julgam "desleal": frequentemente chegam a Pedra Branca moças que vêm de Macapá à procura de homens, sem exigir dinheiro, "apenas por aventura, para desligar das broncas da vida". A prostituição "amadora" cresceu tanto nos bairros da capital que quase todos os bordéis, até algum tempo importadores de mulheres de outras cidades, faliram. Apenas alguns conseguiram subsistir "pela insistência e benevolência" de alguns "coroneis" já de idade.

O juiz de Direito José Clemeceau Pedrosa Maia vive se queixando do grande número de crimes contra os costumes (sobretudo estupro e sedução), que constituem 60% de todos os processos criminais no Território. Há muitos casos de mulheres que têm filhos com outros pais e tentam conseguir pensão de todos. Pedidos de despeito são frequentes, principalmente após o quinto ano de casamento. Tem havido até uma diminuição no número de casamentos: as pessoas fazem agora "contratos de amigação" ou simplesmente se unem, sem qualquer contrato, principalmente entre metade da população economicamente ativa que recebe menos de um salário mínimo por mês. O juiz Clemeceau tem comprovado pela experiência que problemas sociais como pais embriagados, adúlteros ou marginalidade infantil têm aumentado assustadoramente. E tem uma explicação: embora às proximidades exista uma grande empresa exploradora a maior reserva de manganês do mundo, o governo continua a ser o grande empregador — mas já não pode aumentar muito as possibilidades de emprego. A capital tem mais de 60% de sua população potencialmente ativa desempregada. Se boa parte das jovens não existe, como as mulheres de Pedra Branca, remuneração pela assinatura de "contratos de amigação", pelo menos elas sabem que com esses contratos não estarão tão abandonadas.



IX - Final

Expulso de suas terras pelo colonizador branco, o índio vai desaparecendo da paisagem amazônica. Mas ele não é a única vítima dos novos tempos: a desagregação familiar sofrida pelas populações mais antigas é refletida nos altos índices de prostituição em toda a Amazônia. Este é o melancólico retrato com que o "Estado" conclui hoje sua série de reportagens sobre os 10 anos de colonização na Amazônia — um levantamento que mobilizou 7 reporteres e 2 fotógrafos ao longo de 34 dias. Reportagem de Lucio Flávio Pinto, Ricardo Kotscho, Eymundo Costa, Elson Martins, Raimundo José Pinto, Manoel Lima e Oscar Ramos. Fotos de Ailton Quaresma e Ademar Silva. Texto final de Lucio Flávio Pinto.